

Écos de Guimarães

XII Ano — Numero 490

ORGÃO MONARQUICO

2.ª Série — 6.º Ano — N.º 43

Redacção e Administração
EM GUIMARÃES
Rua Gravador Molarinho, 47

Director, proprietario e editor
JOÃO PEREIRA DA COSTA
Guimarães, 26 de Novembro de 1927

Composição e Impressão
Tipografia LUSITANIA
Perto do Tribunal

CRÓNICA DA SEMANA - AUGUSTO GOMES -

O julgamento de Augusto Gomes assume proporções de grande acontecimento. Os grandes diários fornecem-nos, dia a dia, os relatos circunstanciados de tudo o que se tem passado no velho e soturno casarão da Boa Hora, e não pode dizer-se, com verdade, que esses relatos nos não tragam coisas que sejam de pouca monta.

Poucos julgamentos, como este, tem conseguido prender a atenção do público.

De facto, Augusto Gomes é um vivo, um eloquente e também um invulgar exemplo de insensibilidade moral.

Se, como diz Antonio Ferro, a ironia é a legítima defeza dos que falham na vida, o cinismo é bem o último recurso dos sceletrados sem qualificação.

Augusto Gomes mente com um impudor, com uma desenvoltura e uma habilidade consumadas.

Empresário teatral constata-se, afinal, que o seu convívio com a gente do teatro, à luz da ribalta, não caiu em terreno estéril, antes frutificou duma maneira que não é positivamente vulgar ou despresível.

E' um actor a quem as lições dos prosélitos da arte de Talma aproveitaram em absoluto.

A certa altura do seu depoimento Augusto Gomes chorou, proclamou o seu amor por Maria Alves, a quem chama «carne da sua carne, vida da sua vida».

Nesta altura há senhoras na sala que sentem os olhos turvos de lágrimas. Um *frisson* de enternecimento, de piedade, percorre, momentaneamente, a assistência.

Sinceridade? Arrependimento? Oxalá o fosse: mas não; Augusto Gomes pretende simplesmente armar ao efeito, representar para a plateia o seu papel de grande histrião: grita a sua boa fé, proclama a sua não intenção em matar, mas tudo em vão. Ninguém o acredita. Ninguém o poderá acreditar.

Comediante incomparável, a versão que a sua boca teima em afirmar como sendo a verdadeira, não impressiona, não convence a opinião pública.

A verdade nos lábios de Augusto Gomes seria um paradoxo, uma contradição, uma incoerência, uma ironia cruel...

Matou, diz, por amor. Matou, afirma, porque era atraído. Palavras! Palavras! Se matou por amor, se Maria Alves lhe era infiel, de quem a culpa senão

Vinhos Verdes

As impressões do ilustre official de Marinha e grande agricultor, comandante João de Paiva

A regulamentação dos vinhos verdes está sendo a magna questão que tem feito despertar grande interesse em todos os produtores minhotos.

A Comissão de Viticultura defende o Decreto, os Sindicatos Agrícolas locais protestam contra ele, julgando-o vexatório e impraticável.

A propósito, transcrevemos a seguir uma interessante entrevista concedida pelo ilustre comandante sr. João de Paiva, figura muito distinta e com a precisa autoridade, para bem elucidar a viticultura do Minho dos inconvenientes na aplicação do referido decreto.

O sr. João de Paiva Faria Leite Brandão, official de marinha, antigo deputado e governador civil do Funchal e actual director da mais poderosa agremiação agrícola do Norte de Portugal, *A Liga Agraria do Norte* é, alguém no nosso país e, pelas suas qualidades e pelo seu talento, pelo seu caracter e pela sua folha de serviços, ocupa merecidamente o lugar a que tem direito na sociedade portuguesa.

Por isso, a sua opinião sobre o decreto da regulamentação dos vinhos verdes tem particular autoridade.

Abordamos, pois, Sua Ex.ª que com velha amizade e requintada fidelidade nos recebe, dizendo-nos: — Velho assinante e admirador de *A Voz*, tenho muita honra em o receber. Queira, pois, dizer-me o que o traz por esta sua casa?

— «A regulamentação dos vinhos verdes». Pedia as suas impressões sobre o caso.

Pois, meu caro amigo, desde já lhe afirmo que não são boas, ou por outra, sempre foram más.

Depois de nos fixar por momentos, principia:

«Ele? Quem é responsável, senão a Vestal inaculada que em cartas que definem um caracter e vincam uma personalidade latrinária, capaz de tudo, aconselhava a amante a entregar-se, por dinheiro, a outros homens?»

Entre o número elevado dos amorosos impenitentes, existem alguns, embora em pequena proporção, que por um sentimentalismo mórbido talvez explicável, talvez natural, são arrastados à prática de acções criminosas.

Alguns cientistas e filósofos há, como Gaston Dauville na sua «*Psychologie de l'amour*» que tem chegado a atribuir ao amor uma causa e uma natureza

— A regulamentação dos Vinhos Verdes não é assunto novo.

Desde Março de 1922 que a Federação dos Sindicatos do Norte luta com encarniçamento por sua «dama», actualmente em seus braços e assim, naquela data, apresentou ela um regulamento já *devidamente apreciado pelas instancias superiores e até submetido também ao Conselho Superior da Agricultura*.

Esse regulamento era um verdadeiro despauterio, uma monstruosidade, flagrantemente decalçada sobre o Regulamento da Produção e Comercio dos Vinhos do Porto «(Vinhos licorosos)». Era uma fotografia tão exacta que até se esqueceram de substituir a palavra Vinho do Porto por Verde...

— O que era preciso era um regulamento...

— Nem mais, meu amigo. Esse regulamento sofreu uma larga campanha dos principais viticultores do vinho verde; entendiamos que coartar ou embaraçar a liberdade de produção e de comercio era um erro funesto. Desde 1922, até meados de 1926 dormiu ele o sono dos justos...

— Já foi um sono regular...

— Foi um sono regular porque a Lavoura, desconfiada de regulamentos ou rabulices que lhe cindam as algibeiras, prefere a liberdade de produção e de comercio.

«Mas, como ia dizendo, em meados de 1926 reuniu-se, presidida pelo sr. Conde de Azevedo, a comissão que o Congresso Agrícola de Braga tinha escolhido para dar parecer sobre a regulamentação dos vinhos verdes.

comprovadamente patológicas. Estaremos nós em presença dum caso desta ordem? Será de facto Augusto Gomes um grande amoroso, como proclama?

Não o cremos. Quanto a nós Augusto Gomes é uma creatura normal, que agiu conscientemente e com reflexão.

Homem sem moral, o que fez não deve causar espanto, antes é o producto lógico e fatal de quem não sentiu nunca um rebate de consciência, através da vida, atascado em lama espirrando lama para todos os lados.

RUY DE LANCASTRE.

SINDICATO AGRICOLA CONDE DE AZEVEDO

A' hora do nosso jornal entrar na máquina está a decorrer cheia de importância a reunião dos viticultores do concelho de Guimarães expressamente convocada para ouvir uma exposição que o Sr. Conde de Azevedo veio fazer à sede do Sindicato sobre a regulamentação dos Vinhos Verdes. A reunião que começou às 2 horas da tarde ainda agora, 7 horas, continua. No próximo numero nos referiremos mais detalhadamente ao assunto.

O nosso prezado colega «Correio do Minho» publicou uma longa e bem redigida exposição assinada pelo Ex.º Sr. Dr. Pinto de Mesquita em que defende com argumentos o decreto que regulamenta os vinhos. Pena temos de não poder transcrever essa exposição para melhor ilicitação dos interessados.

— E que se resolveu nessa comissão?

— O sr. Conde de Azevedo informou-a nestes termos:

«Meus senhores, ou nós fazemos o regulamento, ou ele nos é imposto pelo Governo».

— E V. Ex.ª estava presente?

— Estava e devo-lhe dizer que não tive medo, mas a maioria da comissão, poucos eramos, entendeu que em virtude de tão categorica afirmação, seria melhor elaborá-lo e aí tem como appareceu em fins de 1926 a celebre regulamentação dos vinhos verdes.

«Eu, que estive sempre contra ela, não concordei e não concordei, meu caro amigo porque sabia de antemão que os futuros inumeros executores da lei teriam que ser pagos e bem pagos pela Lavoura, com todo um complicadissimo sistema burocratico que o regulamento exigiria.

— E para quê?

— Dizem os defensores do regulamento que é *para evitar a fraude dos vinhos verdes*. Mas essa fraude, como sabe, não se dá nas adegas dos viticultores, que, quando por mais que não fosse, tem a fiscalizá-los os compradores que fiscalizam por interesse proprio a genuinidade e pureza do vinho e melhor do que ninguém. O maior empenho do viticultor é apresentar um bom produto.

«E' portanto na taberna ou armazem do negociante, onde ele tem que ser lotado e composto pa-

(Conclue na 2.ª pagina)

Vinhos Verdes

(Conclusão da 1.ª página)

ra ser exportavel, bem ou mal, que pode ser adulterado.

«Da nossa adega, repito, sai o vinho puro, aliás não o compravam».

— Isso é logico.

— Não tenha duvidas, meu amigo. Se ha falsificações são na taberna ou no armazem do negociante. Mas se por excepção algum viticultor o fizesse, lá estava a lei que pune a adulteração dos generos.

«Mas o que eu noto é a mania de macaquear o Douro.

O Douro tem uma Comissão de Viticultura, o Douro quere a sua marca de vinhos intangivel e sagrada, o Douro fala das imitações do vinho do Porto e dos mixordeiros e... nós tambem somos gente!...

«O que eu não sei é como havemos de trazer para aqui o sr. dr. Antão de Carvalho...»

«Querem os defensores do vinho verde preservá-lo do fabrico fraudulento e que ele quando exportado leve o «certificado de origem.» Está bem, apesar de que eu, meu caro amigo, sempre ouvi dizer que não ha maneira de imitar vinho verde e portanto não sei o que está averiguado sobre falsificações de vinhos verdes.

O vinho verde não é um produto rico, susceptivel de falsificações e se a exportação de vinhos verdes tem sido escassa, não é pela falta de «certificado de origem» que para ser obtido, segundo o regulamento, exige uma fiscalização desde a adega do lavrador, até ao cais do embarque.

— E depois?

— Depois... em desembarcando no porto importador, poderá sofrer todos os tratos...

«Esse regulamento é tudo quanto ha de mais vexatorio, impertinente e incomodativo para nós, viticultores

«Repare bem:

«Força-nos ao manifesto da produção com a taxa de Esc. 2\$50 por pipa.

— Como assim?

— E' verdade: quem não manifestar o seu vinho até ao dia 15 de Novembro, quando ainda nem abatocadas temos as nossas vasilhas, fica sujeito á multa de cem escudos por pipa.

«Obriga-nos a ter uma medição da nossa produção com erro não inferior a 5 %, para mais ou para menos, sem o que pagaremos trezentos escudos de multa por pipa.

— Mas isso é quasi impossivel!

— Certamente e tanto mais em propriedades tão dispersas como succede no Minho e em grande parte pertencentes a viticultores ausentes, ou sem competencia para satisfazerem tais exigencias.

«Força-nos a constantes passeios, até ao seio da delegação da comissão da Viticultura Concelhia, á procura de impressos e depois a entrega dos mesmos convenientemente preenchidos e isto repetir se-ha sempre por cada quantidade de vinho que sair das nossas adegas, etc. etc. etc.

«Não é justo, meu caro amigo, que eu esteja a pagar um imposto e a sofrer todos estes incomodos, sobre um produto do meu fabrico

PELA PENHA

Ainda sobre os melhoramentos da Penha recebemos a seguinte carta do nosso illustre conterraneo Sr. Armindo Peixoto.

... Sr. Director do «Ecos de Guimarães»:

Tenho abusado desmedidamente da benevolência de V. ... com os escritos enviados sobre o caso dos melhoramentos da Penha; no entanto mais uma vez apelo para a sua gentileza, rogando-lhe que consinta na publicação do que segue.

O Ex.^{mo} Sr. José de Pina, em carta publicada no número 40 do seu conceituado jornal, esclarece o que tem sido a acção da Comissão de Melhoramentos da Penha e adverte-me da minha anterior situação como juiz da Irmandade. A S. Ex.^a as minhas felicitações e os meus agradecimentos. As primeiras pelo que a Penha fica devendo á Comissão de Melhoramentos. Os segundos porque não tinha tido ainda ninguem que esclarecesse as minhas atribuições como o juiz. Efectivamente desconhecia que o meu cargo se limitava a *juiz de Irmandade, organismo que na Penha tem um campo de acção muito restricto, etc.*

Estava convencido de que as três entidades que servem a Penha deviam trabalhar em conjunto, mas S. Ex.^a foi claro, dizendo que «a Irmandade pouco ou nada pode fazer».

E' de lamentar que, quando eu me quiz imiscuir nos planos dos melhoramentos, não houvesse ninguem que tivesse a franqueza de me dizer que nada tinha que intervir nos melhoramentos da Penha.

Assim se explica que tendo eu instado por diversas vezes para que reuníssemos na Penha, a fim de assentarmos no que convinha fazer-se, depois de expôr os planos estudados pelo Ex.^{mo} Sr. Eng. António Martins, só então se marcou um dia em que eu e o Sr. Eng. António Martins comparemos, sendo então informados de que o Ex.^{mo} Sr. José de Pina, se ausentára para Lisboa,

e que eu tenho em minha casa, possivelmente para meu gasto, sujeito a todos os contratemplos de envasilhamento, ou na perspectiva de o não poder vender!

«Como sabe o vinho licoroso valoriza-se na adega do produtor, enquanto que o vinho verde desvaloriza-se logo que alguns meses decorrem depois das ultimas neves, ao despontar da nova colheita. A exportação actual é muito diminuta e mesmo nos seus tempos aureos nunca se pôde comparar á dos vinhos licorosos.

— O decreto não isenta alguns viticultores do manifesto?

— Isenta do manifesto todos os viticultores que colhem menos de duas pipas e todos que pertençam á região dos vinhos verdes, mas que não façam parte dos distritos de Braga, Viana e do Porto ao norte do rio Douro.

sem nos ter prevenido, motivo porque não se pôde realizar essa encantada reunião.

Portanto, eu nada tenho nem tive com os melhoramentos da Penha, que são da exclusiva competencia da Comissão dos mesmos e da Comissão de Turismo.

Mais uma vez os meus agradecimentos ao Ex.^{mo} Sr. José de Pina, a quem fico devendo a tranquillidade de aguardar, sem que para tal tenha de concorrer, o dia em que a Penha seja uma das mais cómodas e apraziveis estâncias de turismo, visto que para tal não lhe faltam, nem os dotes da natureza, nem o esforço dos que a servem...

Creia-me, sr. director, com a maior consideração

Seu amigo e obrigado,

Armindo Peixoto.

P. S. — Do Ex.^{mo} Sr. Engenheiro António Martins recebi, com o pedido de solicitar a sua publicação, a seguinte carta:

«... Sr. Armindo Peixoto — Meu prezado amigo: Acabo de ler na segunda página do «Ecos de Guimarães» de 5 do corrente, que o meu amigo teve a gentileza de mandar-me, uma local sob o título «Pela Penha», em que o Ex.^{mo} Sr. José de Pina evoca o meu nome, acusando-me de detentor duma planta topográfica da Penha.

Lamentó que aquele Senhor me tenha em tão má conta, e lamento-o tanto mais, porque, por diversas vezes tive occasião de lhe manifestar pessoalmente que a planta em referéncia a entreguei, a pedido do mesmo Sr. Pina, há mais dum ano. Não me recorde a quem; apenas tenho bem presente que a embrulhei num jornal — por sinal mal embrulhada — com o auxilio do nosso empregado Eduardo Silva.

Dito isto por diversas vezes

(Conclue na 3.ª página)

— Esses ficam então sem as vantagens da regulamentação...

— Esses, que são muitos milhares, que não ficam usufruindo as felicidades da regulamentação, levam-me a formular a seguinte pergunta: Porque é que não hão de ficar isentos do manifesto todos aqueles que o não possam ou não queiram fazer?

«Se o que a Comissão de Viticultura pretende é dinheiro, pois é o que concluímos dos imposto lançado e da grande rede de multas para colocação e gaudío de muita gente, eu preferia uma derrama por meio dos sindicatos agricolas, derrama livre que se destinasse á fiscalização das falsificações, caso as haja.

«Mas o direito de propriedade, esse deve ser intangivel, e nós proprietários, além doutros incomodos, não podemos estar a abrir

Apêlo patriótico

Sêlos comemorativos

O nosso prezadissimo conterraneo, sr. António Vieira de Andrade, muito digno Tezoureiro-proposto da Fazenda Pública, enviou-nos uma carta que a seguir publicamos e que muito o dignifica, bem mostrando o grande amor por este Portugal de gloriosas tradições.

Reforçamos com a maior satisfação o justo pedido do nosso bom amigo.

«... Sr. Director do «Ecos de Guimarães».

Tendo de ser substituidos os sêlos de franquia das taxas ordinárias, nos próximos dias 29 e 30 de Novembro e 1 e 2 de Dezembro, pelos sêlos comemorativos da «Independencia de Portugal», lembro a V. a conveniencia de, por meio dêsse tão lido jornal, fazer um apêlo a todos os vimezanenses e muito principalmente aos srs. industriais e comerciantes, para que procurem selar as suas cartas com taxas de sêlos que tenham estampado o Castelo de Guimarães, porque dêsse modo, levariamos ao conhecimento de bem longinquas paragens a existencia da nossa tão querida cidade.

De V. ... etc.

António Vieira de Andrade.

Dr. João Rocha dos Santos

A Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal vai nomear seu advogado o distinto e conhecido causidico desta comarca sr. dr. João Rocha dos Santos.

Enviando os nossos cumprimentos ao distinto juriconsulto igualmente os fazemos á Companhia Norte de Portugal porquanto o sr. dr. Rocha dos Santos é, além dum profissional distinctissimo, um vimaranense de alta categoria social e moral dêsse concelho.

as portas da nossa casa ao primeiro beleguim que se nos apresenta para entrar na nossa adega com o quero posso e mando da Comissão de Viticultura, nem podemos estar sujeitos ás denuncias de qualquer ganancioso.

«Já nos basta o que temos passado com a propriedade urbana, que é de toda a gente menos do seu legitimo dono.

«Aqui tem o meu amigo o que eu penso sobre o regulamento dos vinhos verdes e que é tambem a opinião predominante entre os viticultores de Guimarães, reunidos no seu sindicato e traduzida na representação que enviamos ao illustre ministro da Agricultura, no qual muito confiamos.

«E para terminar, dir-lhe-hei: melhor fôra que os defensores da regulamentação reclamassem energicamente contra o exclusão da entrada dos vinhos verdes na area do Entrepasto de Gaia, onde desde seculos está devidamente organizado o commercio de vinho, e de mais, estando Vila Nova de Gaia na região dos vinhos verdes.

FRANZ.

- - BIBLIOGRAFIA - -

SONETOS, por A. Castro

Não conhecemos o autor. Ignoramos se é novo ou não é. Se é, aconselhamo-lo a aperfeiçoar-se na técnica da poesia, corrigindo, facetando, esmerilando, expurgando defeitos...

Alguém chamou à poesia «a divina arte de interpretar a Beleza». E porque a sua base e o seu fim são a Beleza, a Poesia deve ser perfeita, cadenciada, natural, harmónica, para não se converter em prosa rimada.

Dizem, há quem diga, que já se nasce poeta. Não contestamos. A predestinação, chamemos-lhe assim, com que a Providência fadou os eleitos, não basta: é necessário o estudo consciencioso, metódico, persistente, tão humano e tão natural é, dada a nossa humilíssima condição terrena, termos nascido imperfeitos.

O Autor não tem um género definido no soneto: mistura o clássico com o moderno.

De todos quantos o livro é formado, o soneto que mais nos agradou, foi o primeiro: «A fala da árvore».

A pag. 19 o soneto «Cântico do Amor» não estaria de todo mau, se o seu final não desmanchasse o conjunto, como sucede. Não levamos tão longe a nossa exigência, como Aoileau, ao pretender «un sonnet sans défaut», mas somos absolutamente concordes com Bocage ao proclamar que um soneto deve abrir sempre com chave de prata e fechar com chave de ouro.

O final dum soneto deve ser sempre, pois, alguma coisa de elevado, de grande, a fechar os nossos pensamentos, as nossas sensações.

O sr. A. Castro não o compreende desta maneira, e assim é que no soneto mencionado o final estraga tudo por completo.

Aquele

«Unidos aos meus teus lábios vermelhos» não ficaria melhor assim para remediar?

Exemplo:

Juntos os meus aos teus lábios vermelhos.

Não soará melhor, não terá mais cadência?

Depois, aquele soneto a pag. 27 em que se cantam «as arcas recheadas de dinheiro» estava mais apropriado para uma gazetilha de jornal.

De facto, quem compra um livro de versos para ler, não vai entreter o seu espírito com larchas ao dinheiro dêste ou daquele, ou com referências absurdas aos «domínios que vão por monte e val». Isso ficará muito bem em qualquer outro lugar, menos num livro de versos, que deve ser sempre uma coisa fina, de uma requintada sentimentalidade artística.

Embora o filho do autor seja muito rico, não é um livro de poesias o lugar para alusões ao seu poder de Crésus, quando mais não fosse por um elementar embora obliterado princípio de modéstia que nisto, como em tudo, não fica mal a ninguém.

A FALA DA ÁRVORE

A meu primo Carlos Malheiro Dias (Insigne romancista)

*Fui lança pelejando entre infieis;
Cruzei os mares feita caravela;
E em tôda a acção, que a História mostra bela,
P'ra frente dos heróis teci lauréis.*

*De mim é feito o trono audaz dos reis,
O catre, a arca da mansão singela;
Teto, eu defendo da áspera procelo;
Sou berço e sou caixão: — divinas leis.*

*Dou sombra e frato... Alacres passarinhos
Em mim gorgizam a canção dos ninhos...
Meus dons derramo pela terra a flux...*

*E à noite, ao recolher, o Cavador
Me bemdiz se eu, cheia de dor e amor,
Lhe aqueço o lar e me desfaço em luz!...*

A. CASTRO.

Curiosidades

Diabrura telegráfica

O facto que apresentamos aos leitores deu-se há anos numa estação telegráfica do Brasil.

M. John manda transmitir um telegrama a um seu irmão; êste recebe o seguinte:—*O gato morreu.*

Não compreendendo o despacho, o destinatário pede a repetição e a frase é confirmada.

Atônito e assustado, parte imediatamente em procura do irmão que encontrou no momento em que êste se dispunha a embarcar.

—Quem foi que morreu? Há, com certeza, uma troca de palavras no teu telegrama!

Então M. John, com a fleugma própria dos indivíduos da sua raça, mete a mão ao bolso e mostra a cópia do despacho, escrito em inglês, que o expedidor se deu ao luxo de *traduzir*.

I go to-morrow (sigo amanhã).

Contra a chuva. *Casacos de borracha, galochas e guarda-chuvas em seda e algodão. Os mais modernos, mais perfeitos e mais baratos. Na TENTADORA, antiga casa Martins.*

Há também a pag. 35 um «tinha lenitivo» quando devia ser: «tinham lenitivo».

Gralha tipográfica? Queremos crê-lo, o que no entanto é sempre desagradável.

Numa palavra: o autor precisa de aperfeiçoar-se, de adquirir qualidades de cadência e de ritmo que não possui ainda.

O estudo não fica mal a ninguém, antes pelo contrário.

A impressão, muito apresentável, foi feita na Tipografia Minerva, de Famalicão.

Pela Penha

(Conclusão da 2.ª página)

ao Sr. Pina, estava convencido de que não duvidaria da minha afirmação,

A referida planta não tem para mim mínimo valor, nem mesmo que eu tivesse de ter qualquer interferência nos trabalhos da Penha, o que não terei mais, convencido como estou de que na Penha tarde — ou só as novas gerações — se fará obra digna. Dos que presentemente se arvoram em sacrificados, nenhuma dúvida reste a Guimarães de que pouco ou nada de util produzirão. E' esta a minha opinião pelo que tenho presenciado. Ali predomina e predominará o verbo *entreter*. E' isto o que a mim me parece e por diversas vezes lhe tenho manifestado.

Eu não tenho em meu poder qualquer original dos desenhos que fiz para a Penha. Tudo entreguei a quem interessavam e, possivelmente, seriam lançados no cesto dos papeis inúteis, mas se em meu poder se encontrassem alguns elementos, enviar-lhos-ia, com o protesto de que a minha sombra desapareceu e não prejudicará mais os que me acusam de *detentor*.

O meu amigo investigue. A planta poderá mesmo estar no arquivo da Penha? Como já disse, foi daqui há mais dum ano embrulhada num jornal.

Mandê sempre o seu amigo, etc. — A. Martins. Porto, 18 de Novembro de 1927.

P. S. — Não respondo ao Sr. José de Pina, porque não tenho tempo para isso, nem quero estabelecer polémicas.

Tenho o meu tempo muito tomado e muito especialmente nesta época, em que não estou 10 minutos sem ser interrompido.

Creia-me muito amigo, — A. M.

TEATROS E CINEMAS

Récita 1.º de Dezembro

Segundo a tradição dos anos anteriores, vai a nossa briosa Academia realizar a sua récita de gala na noite do próximo dia 1 de Dezembro.

Noite inolvidável de alegria, de sorrisos lindos de mulheres formosas, ela ficará gravada em nossos corações, como outra coisa não era de esperar duma festa de estudantes.

Trabalham já afanosamente os moços académicos nos ensaios do espectáculo, que constará, ao que nos dizem, do discurso de apresentação pelo presidente da Academia, o estudante do 7.º ano de Letras Manuel Vicente Rodrigues Pires; um interessante acto de variedades; a formosa peça histórica «O Sonho do Condestavel», e a *réprise* da aplaudida fantasia dramática «Por amor de Colombina», que tanto agradou a quando da última récita académica, pelo seu excelente desempenho, no qual mais uma vez salientamos o magnifico trabalho da Senhora D. Arnaldina Freitas Guimarães.

Certos estamos de que desta vez também a nova récita marcará, não desmerecendo das anteriores, visto os ensaios, como de costume, serem dirigidos superiormente pelo nosso velho amigo e distinto amador dramático srs. Jerónimo Sampaio, a quem o brilho das anteriores récitas académicas tanto deve.

D. Afonso Henriques

Domingo exhibe-se neste cinema o drama em 7 partes intitulado: «Madame Sans-Gêne», e mais um episodio do film em séries «A Espia dos Olhos Negros».

Na segunda-feira, exhibir-se-há outro episodio da «Espia dos Olhos Negros» e o luxuoso drama «O Fim do Monte Carlo».

Gil Vicente

No Gil Vicente, exhibe-se amanhã, domingo, as seguintes fitas: «Cine Mrgazine 176», o film em séries «Gatuno Misterioso» e a fita cómica «A todo o vapor». Do film em séries exibem-se 2 episodios.

Quinta-feira, continuação do «Gatuno Misterioso» e a fita religiosa «Os Milagres de Fátima».

Sociedade M. Sarmiento

No dia 28 do corrente, deve realizar-se na Sociedade Martins Sarmiento, uma notável conferência pelo ilustre e muito distinto escritor e pedagogista sr. dr. Agostinho de Campos, que escolheu para tema o sugestivo título «Portugal visto de Guimarães».

Correios e Telégrafos

Participa-nos o digno Chefe da Estação Telégrafo-Postal desta cidade que no dia 18 do mês próximo, se realizará a abertura da nova e modelar Estação Telégrafo-Postal.

Será um dia de regosijo para todos os vimaranenses que assim vêem alcançado um importante e justo melhoramento local.

CARTEIRA

Aniversários

Fazem anos, durante a semana as Ex.^{mas} Senhoras e Cavalheiros:

Domingo, 27—D. Maria de Oliveira Matos e D. Julia Trepa Ramos.

Segunda, 28—D. Adelaide Pezoto Vasco Leão e Fernando Pezoto Sampaio de Bourbon.

Quarta, 29—D. Josefa Carolina de Matos Chaves.

Sexta, 1—D. Beatriz Ribeiro Marques de Freitas, D. Laura Laurentina de Vasconcelos Fernandes e D. Emilia da Conceição Martins da Costa e Silva, Antonio d'Abreu Calheiros de Noronha Pereira Coutinho (Paço de Vitorina) e Antonio da Silva Vilaca.

Sabado, 3—P.^o Anselmo da Conceição e Silva e José Maria Felix Pereira.

Consórcio

Deve celebrar-se no dia 5 do próximo mês, na igreja da Costa, o enlace matrimonial do sr. Arnaldo Fernandes da Silva Guimarães, abastado proprietário na freguesia de Nespereira, com a Senhora D. Elvira da Madre de Deus da Cruz Basto, prendada filha do sr. Luis José Gonçalves Basto, proprietário, residente nesta cidade.

Aos noivos deseja o «Ecos de Guimarães» um futuro muito risonho, repleto de venturas.

Conde de Azevedo

Afim de fazer uma conferencia no Sindicato Agrícola, esteve nesta cidade o Sr. Conde de Azevedo, figura da mais elevada categoria social e moral do nosso país.

Tomaz Rocha dos Santos

Está entre nós o nosso prezado amigo Sr. Tomaz Rocha dos Santos illustre redactor do importante diário da capital «A Voz».

Luis da Silva Passos

Encontra-se em Guimarães o nosso prezado amigo Sr. Luis da Silva Passos, representante da importante casa Norte Americana R. G. Dun & C.^a.

Doente

Está gravemente enferma a dedicada esposa do Sr. Domingos António de Freitas Junior, considerado proprietário nesta cidade.

Dr. Alberto Baptista

Doenças da boca, dentes e maxilares

Rua Eugenio dos Santos, 136
LSBOA

VIDES

Bem enraizadas, excelentes para enforcado e ramadas, a servir para enxertar no segundo ano de plantação, vende-se qualquer quantidade de duas castas já largamente experimentadas com ótimos resultados. Dá mais informações e recebe encomendas Oliveira & Silva, Sucessores—Toural, Guimarães, ou dirigir pedidos a Antero Soares de Castro Douro—Juncal.

Preço por cento, 65500 e 85500.

Várias

Bispo de Bragança

Como temos noticiado, celebram-se, nos próximos dias 27 e 28 do corrente, exéquias solenes, na Igreja da Colegiada, por alma do nosso saído patricio sr. D. José Lopes Leite de Faria, que foi Bispo de Bragança.

No dia 27, às 5 horas da tarde, serão cantadas «Matinas». Na segunda-feira, pelas 12 horas, «Laudes», missa, seguindo-se-lhe o elogio fúnebre pelo nosso illustre patricio, rev. Gaspar Roriz. A seguir serão dadas as cinco absolvições. Presidirá o nosso venerando Prelado.

Espera-se que a esta justa homenagem prestada ao saído e insigne Prelado venham assistir alguns vultos em destaque.

Ceia do Natal

Aproxima-se o Natal de Jesus, dia de alegria em todos os lares, menos no lar do pobrezinho sem familia e sem confortos.

Mas a Caridade, que não esquece os desprotegidos, vai conseguir da generosidade das almas bem formadas da nossa terra um óbulo para que o Natal do Salvador traga aos nossos pobres uma noite de Consoada alegre em convivio e abundante em refeições. Para isso foi, há dias, nomeada uma Comissão que em carta vai implorar o óbulo da caridade para os desprotegidos e fazer que a noite de Natal seja para os pobres de alegria e agradecimento a Jesus Menino pela generosidade da esmola que em sua honra lhe enviarem.

Qualquer donativo poderá ser remetido a qualquer dos signatários ou à Casa Nun'Alvares ou ainda à barbearia do sr. Simão Costa, na Rua 31 de Janeiro.

Anúncio para arrematação

(1.^a Publicação)

No dia 4 do próximo mês de Dezembro, pelas 13 1/2 horas, na rua Doutor Avellino Germano desta cidade, e no estabelecimento e casa de residencia do fulido Joaquim Patricio Saraiva, vão ser postos em praça todos os artigos de mercadoria e mobiliários, que na falencia do dito Joaquim Patricio Saraiva foram arrolados e que no acto estarão patentes.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para deduzirem, querendo, os seus direitos.

Guimarães, 21 de Novembro de 1927.

Verifiquei a exactidão.

O juiz Presidente,

A. Silveira C. Santos.

O escrivão do 6.^o officio, Agostinho da Costa Oliveira Bastos.

Aluga-se a CASA DAS LAMBRAS. Falar com o solicitador Pimenta.

Infias

Desastre

Na segunda feira passada deu-se um lamentavel desastre, caindo a um poço de 20 degraus, a menina Rosa, de 4 anos filha do nosso amigo sr. Guilherme Lopes.

A pesar da grande altura do poço foi possível o salvamento da petisa, que apenas sofreu uma pequena contusão na cabeça.

Arrematação

(2.^a Publicação)

Pelo Juizo Fiscal de Guimarães, se faz público que no dia 11 de Dezembro próximo, às 11 horas, na Repartição de Finanças, se há-de arrematar pelo maior lance oferecido o seguinte: — Uma máquina (Singer) para costura; uma estante de madeira de cerdeiro envidraçada, para fazer as; pehorado pela Fazenda Nacional a Gaspar Lopes Ribeiro, casado, alfaiate, morador na rua da República, desta cidade, para pagamento da contribuição em dívida na importância de 274\$29, selos e custas de execução.

Guimarães, 15 de Novembro de 1927.

O escrivão das Execuções Fiscaes,

João Ferreira.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz,

A. Barreiros.

Aos Agricultores

Obriguem as suas terras a produzirem até ao máximo da sua capacidade. Para isso comprem os adubos do sr. Artur A. Gaspar que são os que melhor resultado produzem.

Encontram-se à venda na casa do sr. José Joaquim Vieira de Castro, seu agente nesta cidade, rua de S. Damaso.

Dr. F. Guedes de Oliveira

Médico especialista

Doenças da bôca e dentes

Tratamento da piorreia alveolo-dentária

CONSULTAS DAS 9 ÀS 18 HORAS

Rua 31 de Janeiro, 181

PORTO

Casas

Vendem-se as duas casas na Rua do Espírito Santo, n.º 9, 11, 13, 15.

Para tratar na Padaria dos Palheiros.

NOTICIARIO

Desastre

Na tarde de quinta-feira deu-se um lamentavel desastre, na estrada que liga esta cidade com a vizinha cidade, no lugar de Caneiros, que poderia ocasionar a morte a várias pessoas.

Foi o caso que a camionete que faz serviço entre esta cidade e a Póvoa de Lanhoso, fazendo certa manobra para se desviar duma mulher que atravessava a estrada, voltou-se, ficando feridas umas nove pessoas que conduzia.

Receberam curativo no Hospital da Misericórdia, ficando ali em tratamento cinco, uma das quais em estado grave.

Senhora da Conceição

No dia 29 começam as novenas a vozes e órgão, seguidas de Missa cantada.

No dia 8 de Dezembro, missa solene às 11 horas. De tarde, vespers e sermão, sendo orador o Rev. Domingos Gonçalves.

S. Nicolau

Na próxima terça-feira, 29 do corrente, principiam as Festas Nicolinas com a entrada triunfal do clássico «pinheiro», anunciador das tradicionais festas escolásticas. Será precedido da afamada banda dos «Zés-Preiras» que exhibirão as melhores peças do seu escolhido repertório.

Falta de espaço

Por falta de espaço fica muito original por publicar.

Livros à venda
NA CASA NUN'ALVARES

Novena da Imaculada Conceição; Novena do Menino Deus; Fátima, por Leopoldo Nunes; A Planície Heroica, por Manuel Ribeiro; Almanaque de Santo António; Almanaque Popular Católico; Almanaque Bertrand e outros devocionários e livros — de boas leituras.

Casa

Vende-se a da rua de Santa Luzia n.ºs 114, 116 e 116-a, acabada de construir e completamente nova. Para ser vista, falar na mesma rua n.º 12, a qualquer hora do dia, e para tratar, rua do Gravador Molinarinho, 47.

«Ecos de Guimarães»,
Tiragem - 2.000 - exemplares